

O AUTOR

Vinicius de Moraes

(Rio de Janeiro 19/10/1913-09/07/1980) Obra em poesia e prosa: *O Caminho para a distância* (1933), *Ariana, a Mulher* (1936), *Forma e Exegese* (1935), *Novos Poemas* (1938), *Cinco Elegias* (1943), *10 poemas em manuscrito* (1945), *Poemas, Sonetos e Baladas* (1946), *Pátria Minha* (1949), *Antologia Poética* (1954), *Orfeu da Conceição* (1956), *Livro de Sonetos* (1957), *Novos Poemas (II)* (1959), *Para viver um grande amor* (1962), *Cordélia e o peregrino* (1965), *Para uma menina com uma flor* (1966), *O mergulhador* (1968), *Obra poética - poesia completa e prosa* (1968), *História natural de Pablo Neruda* (1974), *O falso mendigo, poemas de Vinicius de Moraes* (1978). Publicações depois da morte do poeta: *Vinicius de Moraes - Poemas de muito amor* (1982), *A arca de Noé* (1991), *Livro de Letras* (1991) *Roteiro lírico e sentimental da Cidade do Rio de Janeiro e outros lugares por onde passou e se encantou o poeta* (1992), *As Coisas do alto - Poemas de formação* (1993), *Jardim noturno - Poemas Inéditos* (1993), *Soneto de fidelidade e outros poemas* (1996), *Procura-se uma Rosa* (em colaboração com Pedro Bloch e Gláucio Gil, escrita em 1962). Na música, foi o mais importante letrista da bossa nova, tendo como parceiros: Tom Jobim, Baden Powell, Carlos Lyra e Toquinho. Compôs as letras de canções inesquecíveis como: *Chega de saudade*, *Insensatez*, *Ela é carioca*, *Samba em prelúdio*, *Canto de Ossanha*, *Você e eu*, *Tarde em Itapoã*, *Regra três*, *Como é duro trabalhar*, entre outras.

MENSAGEM À POESIA¹

Não posso
 Não é possível
 Digam-lhe que é totalmente impossível
 Agora não pode ser
 É impossível
 Não posso.
 Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao
 seu encontro.
 Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar
 Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo
 Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte
 do mundo
 E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas carpindo
 A saudade de seus homens: contem-lhe que há um vácuo
 Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema: contem-lhe

1. Poema extraído do site www.tanto.com.br/viniciusde-morais.htm 29/06/02. Ver também em: MORAES, Vinicius. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 160.

Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e é
preciso reconquistar a vida
Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para todos os
caminhos
Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se for preciso
Ponderem-lhe com cuidado – não a magoem... que se não vou
Não é porque não queira: ela sabe; é porque há um herói num
cárcere
Há um lavrador que foi agredido, há uma poça de sangue numa
praça.
Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes, que meus
Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se devem
Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos homens
E não é o momento de parar agora; digam-lhe, no entanto,
Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento aos
Homens perplexos; digam-lhe que me foi dada
A terrível participação, e que possivelmente
Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias
Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.
Se ela não compreender, oh, procurem convencê-la
Desse invencível dever que é o meu; mas digam-lhe
Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me
Dói ter de despojá-la assim, neste poema; que por outro lado
Não devo usá-la em seu mistério: a hora é de esclarecimento
Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado
Há fome e mentira; e um pranto de criança sozinha numa
estrada
Junto a um cadáver de mãe; digam-lhe que há
Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder, um homem
Arrependido; digam-lhe que há uma casa vazia
Com um relógio batendo horas; digam-lhe que há um grande
Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações
Há fantasmas que me visitam de noite
E que me cumpre receber; contem a ela da minha certeza
No amanhã
Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite
Vivo em tensão ante a expectativa do milagre; por isso
Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora
Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde
De ter de abandoná-la neste instante, em sua incomensurável
Solidão: peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale
Por um momento, que não me chame

Porque não posso ir
Não posso ir
Não posso.
Mas não a traí. Em meu coração
Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa
Envergonhá-la. A minha ausência
É também um sortilégio
Do seu amor por mim. Vivo do desejo de revê-la
Num mundo em paz: Minha paixão de homem
Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha
Loucura resta comigo. Talvez eu deva
Morrer sem vê-la mais, sem sentir mais
O gosto de suas lágrimas, olhá-la correr
Livre e nua nas praias e nos céus
E nas ruas da minha insônia. Digam-lhe que é esse
O meu martírio; que às vezes
Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as poderosas
Forças da tragédia abatem-se sobre mim, e me impelem para a treva
Mas que eu devo resistir, que é preciso...
Mas que a amo com toda a pureza da minha passada adolescência
Com toda a violência das antigas horas de contemplação extática
Num amor cheio de renúncia. Oh, peçam a ela
Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo
A que foi dado se perder de amor pelo seu semelhante
A que foi dado se perder de amor por uma pequena casa
Por um jardim de frente, por uma menina de vermelho
A quem foi dado se perder de amor pelo direito
De todos terem uma pequena casa, um jardim de frente
E uma menina de vermelho; e se perdendo
Ser-lhe doce perder-se...
Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível
Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame
Que me espere, porque sou eu, apenas seu; mas que agora
É mais forte do que eu, não posso ir,
Não é possível
Me é totalmente impossível
Não pode ser não
É impossível
Não posso.